

INTRODUÇÃO

OS ESTUDOS REUNIDOS NESTE LIVRO INSCREVEM-SE NUMA CORRENTE DE PENSAMENTO, extremamente viva e produtiva na nossa contemporaneidade, que tem vindo a repensar criticamente a milenar percepção da identidade humana, interrogando, deslocando ou mesmo desconstruindo a fronteira ontológica entre humano e animal. Impulsionada por resultados científicos provenientes das ciências cognitivas, da biologia, da etologia e da ecologia, assim como por obras de cariz filosófico e político (como as de Agamben, Deleuze, Derrida, Singer, para citar os nomes mais sonantes), as quais questionam as hierarquias ontológicas e os paradigmas antropológicos estruturantes do pensamento ocidental, tanto greco-latinos como judaico-cristãos, esta corrente interdisciplinar tem vindo a discutir o estatuto privilegiado que o Homem se atribui a si mesmo no seio da natureza. O mesmo é dizer, tem procurado discernir as implicações epistemológicas, políticas, éticas, estéticas, da conceção do Homem mais como um vivente do que como um falante. Não é, pois, o primado evangélico do Verbo – *no princípio era a Palavra* – a condição do estatuto de exceção do homem na natureza e, consequentemente, da sua autoridade sobre as espécies animais a que dá nome sob o olhar benévolo de Deus? E não é o privilégio do Verbo, considerado como algo extrínseco e estranho à natureza (pois é o Verbo que cria), que lhe permite estruturar simbolicamente o real e instalar-se num

plano autónomo em relação aos outros seres vivos? Ao escrever, em *Les larmes*, que «Jadis, dans le commencement, la parole n'était pas. Il n'y avait pas d'hommes encore. Tous les animaux étaient des bêtes et les hommes aussi étaient des bêtes» (2016:189), o escritor francês Pascal Quignard nega a frase inaugural do Evangelho de São João para evidenciar a origem pré-linguística da espécie humana e a sua pertença a esse mesmo mundo animal que submeteu a um doloroso e interminável processo de domesticação ao mesmo tempo que se auto domesticou. Culminando na industrialização massiva do vivente, este processo está, em tempos de globalização, a perturbar os ecossistemas, a multiplicar as guerras económicas e a intensificar os fluxos migratórios, sinal da crescente inabitabilidade do mundo.

No mundo antigo, a presença do animal manifesta-se na literatura, na religião e nas artes plásticas. Temos hoje uma manifesta dificuldade em compreender as representações greco-latinas do animal porque a noção de metamorfose deixou de fazer parte da nossa visão do mundo. Para nós não tem sentido o Proteu odisseico que se transforma em mil formas, nem tampouco a magia de Circe que transforma os companheiros de Ulisses em porcos, já para não falar em seres híbridos animal-homem, como os Centauros. Em registo menos mitológico e mais científico, devemos também aos Gregos as primeiras reflexões sobre o eventual fracasso evolutivo comum a homens e a animais (Anaximandro de Mileto, Empédocles de Agrigento); a criação da biologia como ciência e da filosofia da biologia como uma reflexão autónoma (Aristóteles); e também a proposta das primeiras classificações sistemáticas de animais (Aristóteles, Teofrasto). É também o mundo clássico que nos permite ver que a reflexão sobre os animais move todas as partes da cultura humana (da religião até às teorias cosmológicas mais holísticas). Podemos ainda ficar surpreendidos pela atribuição de traços morais aos animais pelo *Fisiólogo*, numa tradição que teria continuidade nos bestiários medievais, mas permanecemos deslumbrados pela conceção do mundo como um ser vivo, como Platão faz no *Timeu*. Não é certo que, perante isto, se possa dizer que o pensamento moderno avançou significativamente em relação aos clássicos. Mesmo a conceção do animal como autómato já está prefigurada no *De rerum natura* de Lucrecio. Além disso, a imaginação teratomórfica que se revela nas artes contemporâneas já foi antecipada pela representação dos monstros da antiguidade clássica.

O nosso propósito não consiste em apresentar um conjunto homogêneo de artigos filosófica e politicamente alinhados com uma posição naturalista dura e zoocêntrica. Se assim fosse, estaríamos, porventura, a deslegitimar não só o antropocentrismo, mas, em boa verdade, todo e qualquer humanismo, incluindo a sua versão pós-metafísica. Em vez disso, a diversidade hermenêutica desta coletânea em torno das figuras do animal na literatura, no cinema e na banda desenhada, desencoraja as dicotomias e os dualismos, parecendo indicar suficientemente que a reconcetualização da identidade humana em curso advém do facto de a nossa humanidade ser menos um dado do que um adquirido. Ou melhor, algo que se vai adquirindo num processo pleno de vicissitudes e que, como tal, exige ser repensado. Como diz, com inteira justeza, Étienne Bimbenet, em *L'animal que je ne suis plus*, «l'homme ne cesse de s'instituer en son humanité» e daí que, mais do que falar de ser humano, dever-se-ia falar, em bom rigor, de devir-humano. Que essa incessante instituição da natureza humana passe por uma desanimalização ou por uma hiperanimalização do humano, que ela anule ou vinque a especificidade do vivente humano, ou que ela desloque a fronteira entre humano e animal, eis justamente o que está em discussão e em reavaliação. Mais do que pensar em termos de Limite, negado ou hipostasiado, há que pensar em termos de Limiar. Assim, na esteira dos anteriores volumes da série Literatura, Cinema, Banda Desenhada, todos eles inscritos sob o signo das relações intermediais e das operações transficcionais, privilegiando, conseqüentemente, o Limiar como figura e como estratégia, também o presente volume perspectiva as representações do animal nestes três media no âmbito de dois limiares, o intermedial e o ontológico, que podem ou não cruzar-se.

No presente volume encontramos *grosso modo* três modalidades principais de figuração animal. A primeira é aquela que, na tradição literária ocidental, mormente a dos bestiários, das fábulas e dos contos, figura os animais como metáfora, imagem, duplo ou extensão dos humanos. Os animais representam qualidades e defeitos, vícios e virtudes, repugnâncias e inclinações nossas. Assim, o rato de *L'écume des jours* de Boris Vian figura a repugnância sexual que, noutros universos ficcionais, princesas e *beaux inconnus* arturianos superam beijando ora sapos, ora serpentes. De notar uma relação particular entre a

infranimalidade e Eros, relação essa que, aliás, não é exclusiva desta primeira modalidade de figuração.

Mas como falar dos animais menos para falar de nós do que para falar deles, ainda que se tenha tornado impossível, na nossa contemporaneidade, falar de uns sem falar dos outros? Uma das estratégias visa a personagem humana, metodicamente submetida a um processo de desinflação e de desconstrução que a torna cada vez menos personagem, ao mesmo tempo que a figura animal adquire mais e maior relevância. A destituição do humanismo romanesco, bandeira do *nouveau roman*, passa pela crise desta categoria narrativa central. Tanto na produção literária, fortemente marcada, a partir de 1980, pelo retorno do real, do narrativo e do subjetivo, como na narratologia contemporânea, impregnada de teoria da ficção, a reabilitação da personagem é atravessada pela herança da suspeita (*l'ère du soupçon*) de que foi objeto esta categoria no pós-guerra. Em tensão entre desontologização e vocação para ter vida própria, a personagem contemporânea está apta a entrar em novas configurações do limiar humano-animal.

Mas como fazer falar os animais mais do que falar deles? Como é que a literatura, o cinema, a banda desenhada, separadamente ou em diálogo e interação, conseguem exprimir ou restituir outras vidas que não as vidas humanas? O estudo de passagens e de hibridismos, de metamorfoses abruptas e definitivas ou fluidas e negociáveis, e de outras figuras de um *in-between* humano-animal pode produzir novos elementos e perspectivas suscetíveis de integrarem o projeto zoopoético. O devir-animal acarreta, com efeito, uma alteração de experiência e de ponto de vista, que eventualmente decorre de des-cobrir e de assumir o núcleo duro animal existente na personagem, quer masculina (o escaravelho Samsa, o urso Artur, para nos ficarmos talvez por dois casos assaz emblemáticos), quer feminina – assim o comprovam as mulheres selvagens: sereias e melusinas, mulheres-cisne ou pele de burro, damas pé de ganso ou de cabra, serranas rebeldes, ruivas sonjas e laurelines e todas aquelas, enfim, que, no dizer de Clarissa Pinkola Estes, *correm com os lobos*.

Nas ciências sociais e humanas, o ser humano é entendido antes de mais como aquele que fala, lê e escreve. Os estudos literários teorizam a literatura como arte da linguagem, como forma de sublimação do verbo. Ora, como testemunha Quignard (em *Le nom sur le bout*

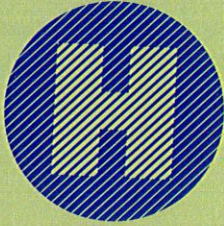
de la langue), a sublimação em jogo na escrita empurra quem escreve para o promontório da linguagem, o bordo onde a malha significativa reflui, onde a memória do nome (o simbólico) se acha perdida. E esse bordo, lugar de desapropriação radical de um sujeito desertado pela linguagem, é o limiar da animalidade:

Qu'un mot puisse être perdu, cela veut dire: la langue n'est pas nous-mêmes. Que la langue en nous est acquise, cela veut dire: nous pouvons connaître son abandon. Que nous puissions être sujets à son abandon, cela veut dire que le tout du langage peut refluer sur le bout de la langue. Cela veut dire que nous pouvons rejoindre l'étable ou la jungle ou l'avant-enfance ou la mort (1993:58).

Resta-nos exprimir a nossa sincera gratidão ao Centro de Estudos Humanísticos que, na pessoa do Professor Orlando Grossegeese, desde a primeira hora, se prontificou sem reservas a apoiar a presente edição.

REFERÊNCIAS

- BIMBENET, Étienne (2011). *L'animal que je ne suis plus*. Paris : Gallimard/Folio.
- PINKOLA ESTES, Clarissa (2011). *Femmes qui courent avec les loups. Histoires et mythes de l'archétype de la femme sauvage*. Paris : Le Livre de poche.
- QUIGNARD, Pascal (1993). *Le nom sur le bout de la langue*. Paris : Gallimard/Folio.
- QUIGNARD, Pascal. (2016). *Les larmes*. Paris : Grasset.



COLEÇÃO
HESPÉRIDES
LITERATURA

36

FIGURAS DO ANIMAL

Literatura Cinema Banda Desenhada

Cristina Álvares
Ana Lúcia Curado
Isabel Cristina Mateus
Sérgio Guimarães de Sousa

ORGANIZAÇÃO

húmus



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

Desde os primórdios da criação estética, cuja cena primitiva se localiza em grutas pré-históricas, o imaginário humano incorporou, como seria de esperar, nas suas diversas modalidades e sob pontos de vista múltiplos, a condição animal. E ao longo dos séculos é perfeitamente possível rastrear a evolução do pensamento humano e das mentalidades tendo como ponto de observação o modo como os animais se acham figurados não apenas nos mitos, nas lendas, nas fábulas, nas églogas, nos lais, nos contos, nos romances, na banda desenhada, nos desenhos animados, mas em todo o tipo de discursos (filosóficos, teológicos, científicos).

Depuis l'aube de la création esthétique, dont la scène primitive a lieu dans les cavernes préhistoriques, l'imaginaire humain a incorporé la condition animale en ses différentes configurations et sous de multiples points de vue. Il est possible de suivre à la trace l'évolution de la pensée humaine et des mentalités tout au long des siècles moyennant l'observation des modalités de figuration des animaux aussi bien dans les mythes, les légendes, les fables, les églogues, les lais, les contes, les romans, la bande dessinée, les dessins animés, que dans le discours non-fictionnel (philosophique, théologique, scientifique).

ISBN 978-989-755-316-5
9 789897 553165